

Comunidade judaica de Curitiba/PR: contribuições às dinâmicas locais resultantes da imigração

Jewish community in Curitiba/PR: contributions to local dynamics resulting from immigration

Carla Caroline Holm

Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, PR, Brasil

karol_holm@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2773-2060>

Karla Rosário Brumes

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, PR, Brasil

kbrumes@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9683-2922>

Márcia da Silva

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, Brasil

marcia.silvams@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2742-1396>

RESUMO

Historicamente Curitiba é vista como uma cidade que se forma efetivamente a partir da chegada dos migrantes europeus – incentivados pelas políticas nacionais de atração de demanda para exploração das terras com diferentes cultivos e branqueamento populacional, já antecedendo a abolição da escravatura em 1888 (PENA, 1988; BALHANA, 1996; WACHOVICZ, 2001); todavia, esta história é contada sob uma perspectiva específica, que por sua vez, endossa o imaginário que se tem de uma cidade (e estado) caracteristicamente agrícola, e pouco se discute sobre a chegada desses sujeitos e sua relação com a urbanização, pois é de se esperar que esta (trans)formação local conta com iniciativas também partida de membros destes grupos recém chegados às terras paranaenses. Sabendo disso, este trabalho teve como objetivo discorrer sobre a chegada do imigrante judeu à capital do estado no final do século XIX, apresentando como, a partir disso, houve alteração nas dinâmicas sociais de Curitiba. Para que o alcance deste objetivo fosse possível, realizou-se revisão bibliográfica e documental em produções que tratavam de temas condutores, a saber, migrações, história do Paraná e Curitiba, e migração judaica, e também se realizaram entrevistas com membros do grupo judeu, cujas trajetórias familiares cruzam com o histórico de desenvolvimento curitibano. Apresenta-se diante do exposto que a comunidade judaica estabelecida na cidade contribuiu com a formação local, por trazer consigo uma tradição de vida e trabalho urbanos historicamente atrelado aos países de onde seus membros saíam; isto permitiu à recém criada capital do estado ter em cotidiano um rol de atividades até então pouco ou não exploradas pelos demais grupos de migrantes estabelecidos, como por exemplo comércio, profissões liberais, espaços culturais, entre outros.

Palavras-chave: Migração judaica, Reterritorialização, Dinâmicas sociais, Historiografia curitibana.

ABSTRACT

Historically, Curitiba is seen as a city that is effectively formed from the arrival of European migrants - encouraged by national policies to attract demand for the exploitation of land with different crops and population whitening, already preceding the abolition of slavery in 1888 (PENA, 1988 ; BALHANA, 1996; WACHOVICZ, 2001); however, this story is told from a specific perspective, which in turn endorses the imagery of a characteristically agricultural city (and state), and little is discussed about the arrival of these subjects and their relationship with urbanization, because to be expected that this local (trans)formation also includes initiatives from members of these groups who have recently arrived in Paraná. Knowing this, this work aimed to discuss the arrival of the Jewish immigrant to the state capital in the XIX century, showing how, from that, there was a change in the social dynamics of Curitiba. For this objective to be complete, a

bibliographical and documental review was carried out in productions dealing with the theme's migrations, the history of Paraná and Curitiba, and Jewish migration, and interviews were also carried out with members of the Jewish group, whose family trajectories intersect with the history of development in Curitiba. It is presented in light of the above that the Jewish community established in the city contributed to local formation, by bringing with it a tradition of urban life and work historically linked to the countries from which its members came; this allowed the newly created state capital to have a daily list of activities until then little or not explored by other groups of established migrants, such as commerce, liberal professions, cultural spaces, among others.

Keywords: Jewish migration, Reterritorialization, Social dynamics, Curitiba's historiography.

1. INTRODUÇÃO

Em comparação a outras levas de migrantes que chegaram ao Paraná e Curitiba, capital do estado, os judeus podem ser considerados um grupo minoritário, pois seu contingente demográfico é considerado inexpressivo frente aos alemães, italianos, poloneses e ucranianos, por exemplo, que registraram chegada nas terras paranaenses desde meados do século XIX. Entretanto, se pesquisado um pouco mais a fundo sobre a história de formação da capital paranaense, percebe-se que junto de sírios e libaneses, os judeus colaboraram para a alteração da dinâmica social local da época, pois eram oriundos de países tradicionalmente urbanos e seus contributos não se manifestaram na lida com a terra e sim na implantação de estruturas, equipamentos e serviços que até então inexistiam ou eram pouco explorados na cidade (BALHANA, 1996; WACHOWICZ, 2001).

Este fragmento historiográfico ajuda a mudar a percepção que se tem sobre o estado e a cidade serem caracteristicamente agrícolas e, ainda, provoca a ideia de que a urbanização curitibana é anterior à década de 1970, cujas intervenções propostas pelo então prefeito Jaime Lerner (judeu eleito neste período) elevam-na à cidade modelo no que diz respeito à distribuição espacial e mobilidade da época. A presença deste grupo em Curitiba também fomenta reflexões sobre a formação da cidade, sobretudo porque, mesmo sendo um grupo minoritário do ponto de vista demográfico, desde 1889 trouxe mudanças importantes nas dinâmicas sociais locais (GOUVÊA, 1980; MACEDO, 2016).

Com base nestas informações, o presente trabalho buscou discorrer sobre a chegada do imigrante judeu à capital do estado no final do século XIX, apresentando como, a partir disso, houve alteração nas dinâmicas sociais de Curitiba; tal recorte é fruto de uma pesquisa mais ampla realizada sobre a presença judaica na capital paranaense e se deu por acreditar que é necessário compreender outras perspectivas de formação da cidade, haja vista ser ela um destino múltiplo e complexo justamente por ser fruto também das diversas levas migratórias chegadas no país e no estado desde meados do século XIX. Ao compreender este histórico de chegada(s), intervenções e transformações, é possível visualizar com maior clareza os motivos que levam Curitiba a ter as dinâmicas sociais, políticas e econômicas da atualidade, bem como torna-se possível refletir sobre o papel do migrante neste processo formativo da cidade.

Para que o estudo pudesse trazer contribuições efetivas sobre tal reflexão, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais dos temas migrações, história do Paraná e Curitiba, bem como migração judaica. Em relação aos documentos acessados, estes eram/são parte dos acervos dos principais espaços de memória paranaenses, a saber, Biblioteca Pública do Paraná¹, Museu Paranaense (MUPA)² e Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC)³.

As informações obtidas nestes locais foram registradas em um caderno de campo, que se apresentou como um importante instrumento no momento de análise; ele foi, além de um diário que contou o percurso da pesquisa, um material útil para o registro de dados relevantes obtidos até mesmo nas conversas informais com profissionais atuantes desses espaços visitados. Triviños (1987) explica que estas anotações de natureza descritiva, feitas durante as observações e investigação, ajudam as pesquisas qualitativas – sobretudo as etnográficas, historiográficas, entre outras da mesma natureza – a confrontar os registros históricos, pois estes meandros nem sempre estão oficializados nos registros disponíveis para consulta pública.

Posterior a isso, também se acessou alguns membros do grupo judaico⁴ que poderiam somar conhecimento a tal debate, pois, conforme mencionado, habitualmente a história de formação local é registrada e contada tendo como foco os grupos de europeus migrados que vieram para o trabalho no campo, e pouco se produz informações que retratam esta (r)evolução urbana tanto do Paraná, quanto

¹ Visitas realizadas em janeiro/2020.

² Visitas realizadas em janeiro/2020.

³ Visita realizada em janeiro/2020.

⁴ Entrevistas realizadas entre janeiro e junho/2020.

de Curitiba. Demartini (2005) e Souza (2005) explicam que, ao se tratar de estudos migratórios, as entrevistas são parte fundamental da pesquisa, pois aproximam as vivências familiares com a realidade histórica que está em constante formação; para os autores, ao se ter contato com o migrante e/ou com seus descendentes, tem-se a oportunidade de cruzar informações teóricas com o cotidiano daquele que é o sujeito parte desta teoria, de modo que a compreensão da realidade pode ganhar novos contornos e conotações.

A escolha dos sujeitos participantes levou em consideração os primeiros contatos estabelecidos com os representantes institucionais, pois, a partir deles, outros foram indicados - o que permitiu a construção de uma amostra de sujeitos heterogênea e rica para a construção do estudo. Esta técnica é conhecida por *Snowball Sampling*, ou Bola de Neve, cujo objetivo é acessar um grupo específico de sujeitos a partir da indicação de contatos iniciais em que estes são chamados de sementes (BIENACKI, WADORF, 1981) e, por meio deles, inicia-se o processo de aproximação e pesquisa com os demais interessados (também chamadas de ondas).

O ponto de saturação das ondas provocadas pelas sementes foi atingido ao serem entrevistados 14 sujeitos ordinários do grupo e outros 11 representantes institucionais, pois a partir disso os relatos começaram a se repetir e alteravam-se apenas as histórias individuais familiares no que diz respeito ao país de origem e/ou motivação da migração para Curitiba. As informações compartilhadas nestes momentos foram registradas também em um caderno de campo, todavia, com a diferença é que após cada contato, havia a transcrição mais próxima da literalidade das falas dos participantes⁵.

Neste sentido, as informações obtidas ao longo do estudo foram tratadas a partir do emparelhamento teórico-prático, ou seja, utilizou-se o arcabouço intelectual produzido na academia para que fosse possível a compreensão da realidade observada. Somado a isso, também se utilizou alguns critérios de análise de conteúdo, cuja proposta fundamenta-se em Bardin (1977). Para esta autora, neste tipo de tratamento de informações, há que se explorar o senso crítico do observador, permitindo que ele tenha parâmetros diversos para entender os conteúdos produzidos pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, ou seja, devem ser consideradas tanto as informações expressas verbal e claramente, como aquelas transmitidas por meio de expressões faciais, gestos, pausas entonação e até mesmo recusa em respostas, pois o não falar é também um conteúdo relevante de ser observado.

A partir dos levantamentos feitos por este trabalho focado na questão migratória, chega-se a uma nova perspectiva historiográfica, tendo em vista que retrata a formação urbana da capital paranaense, trazendo com isso uma outra forma de compreensão da realidade curitibana e construção do(s) seu(s) território(s) – dissociadas da costumeira abordagem camponesa e agrícola que faz parte dos materiais disponíveis para estudo/consulta quando tratado do assunto.

2. A MIGRAÇÃO COMO FENÔMENO DE (TRANS)FORMAÇÃO SOCIAL

Estudar os movimentos migratórios tem sido um esforço empreendido por diversos pesquisadores e áreas do conhecimento, contudo, mesmo não sendo algo novo ou inovador, ainda não foi possível estabelecer uma teoria única que dê conta de explicar o fenômeno como um todo, e isso se dá em razão da dinamicidade dos deslocamentos humanos e tudo o que a eles está associado. Sendo assim, os estudos voltados a esta temática têm diversas possibilidades de abordagens (motivação, fluxo, orientação etc.) e retratam, cada um à sua maneira, as múltiplas formas de serem compreendidas as dinâmicas populacionais e os reflexos delas na sociedade.

⁵ Optou-se por não utilizar nenhum outro equipamento e/ou software de gravação para que estes não gerassem qualquer tipo de constrangimento aos entrevistados. Mesmo com esta característica, as falas dos entrevistados foram tratadas tanto com rigor científico como ético, de maneira que os conteúdos se aproximam com a máxima fidelidade daquilo que foi compartilhado nos encontros, respeitando-se, assim, aquilo que estava previsto na Declaração de Consentimento assinada pelos participantes.

Para Fausto (2000, p. 12), “[...] o fenômeno migratório surgiu como terreno particularmente fecundo, ao abrir caminho para a elucidação do comportamento dos agentes sociais [...]”, de modo que, ao compreender os movimentos migratórios, compreende-se, por consequência, as distintas camadas que dão origem à sociedade, pois ela não é homogênea, tampouco simplista do ponto de vista da sua composição.

Migrar é sair do lugar de origem em busca de um destino, envolvendo movimentos sucessivos, não necessariamente ordenados, de pessoas e acontecimentos (BRUMES, 2012; KING, 2012). Por serem deslocamentos passíveis de complexificação, em razão dos elementos que os englobam e por refletirem diretamente na sociedade, mostra-se importante serem realizadas análises acerca de grupos migratórios, pois estes deslocamentos são capazes de interferir, moldar e reestruturar as sociedades envolvidas de forma direta e constante.

Silva, Santos e Viana (2016, s/p) atestam que “A migração [...] é uma falta de opção disfarçada por uma possível escolha, onde o indivíduo, por fatores externos, se encontra obrigado a buscar novos caminhos.”, ou seja, nem sempre ela é um movimento desejado pelo indivíduo que a pratica. Portanto, as causas destes deslocamentos podem ser múltiplas e é correto afirmar que não se pode reduzi-las somente ao elemento “trabalho”, pois isso não condiz com as diferentes realidades e motivações vivenciadas pelos migrantes e pelas sociedades envolvidas em cada caso e em cada movimento.

Ao encontro disso, Massey *et al* (1993) dizem que as motivações que levam à migração não podem ser vistas como um fato isolado, pois muitas vezes elas são um combinado de causas que resultam na saída dos sujeitos do seu local de origem. Dessa maneira, as migrações devem ser vistas como fenômenos complexos, e os sujeitos que são parte disso precisam ser analisados, respeitando-se as suas particularidades, desejos, anseios, necessidades e ambições, pois é justamente isso que permitirá uma compreensão das migrações, sociedade e sujeitos mais próxima da efetiva realidade.

3. OS PRIMEIROS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS JUDAICOS PARA O BRASIL

Sabe-se cotidianamente que o Brasil é um país formado também a partir da chegada de imigrantes, porém, para além do senso comum, os movimentos migratórios que compõe a história de formação brasileira ainda são pouco aprofundados na busca por uma compreensão da sociedade pluriétnica que se apresenta na realidade. Na tentativa de trazer algumas colaborações a esta reflexão, aborda-se aqui o caso das migrações judaicas para Curitiba, e antes de fazê-la serão apresentados alguns aspectos da presença deste grupo no país.

Entre as décadas de 1880 e 1920 a realidade brasileira não despertava interesse de migrantes do mundo todo, porque estava iniciando sua modernização, carecia de diversificação de emprego e socialmente era menos atrativa que outros países americanos (LESSER, 1995a). Nesse mesmo período, na década de 1880 principalmente, também o país passava pela recém-abolição da escravidão e sabidamente havia uma busca por mão-de-obra apta a ocupar as vagas de trabalhos que até então eram desempenhados por escravos.

Para tanto, o desejo do momento era por pessoas que dessem conta do trabalho com/na terra, mas também que alterassem o cenário sociodemográfico nacional, provocando um branqueamento da população (PENA, 1988; LESSER, 2015b). Dessa maneira, “O processo de recrutamento de imigrantes foi profissionalizado, e o racismo oficializado com a proibição da entrada de asiáticos e africanos” (LESSER, 2015b, p. 110).

Diante desse cenário e pensando nos fluxos globais da migração, o Brasil ocupava o quarto lugar na lista de destinos procurados quando se tratava da América, pois ainda carecia de algum tipo de estrutura (industrial, econômica, de saúde, por exemplo) e isso instaurava desconfiança e repulsa dos europeus urbanos que desejavam migrar (LESSER, 2015b). Assim, estes sujeitos encontravam oferta mais atrativa em países como Estados Unidos, Canadá e Argentina e só buscavam por outros quando o acesso nestes era dificultado ou proibido.

Nesses anos finais do século XIX, sendo uma necessidade do grupo de judeus a saída da Europa, em razão das perseguições pelo império, fundou-se na Alemanha a *Deutsches Zentral Komitee für die Russien Juden*⁶, que escolhia alguns representantes para sondar algumas possibilidades de destinos para onde os judeus poderiam ser encaminhados, caso chegassem naquele país. Lesser (1995a) aponta que a vinda de um representante do *Deutsches Zentral Komitee* para o Brasil avaliou a possibilidade de inserção desses sujeitos em comunidades de lavradores, visto o potencial que o país detinha em relação às atividades ligadas ao campo.

Para este autor e para Gouvêa (1980), essa inspeção aconteceu desconsiderando a característica do grupo que não era composto por sujeitos com experiência no cultivo da terra, pois “[...] sua experiência era sobretudo urbana, mercantil, uma vez que até a Revolução Francesa [...] não podiam em geral possuir terras e trabalhar em funções estatais” (GOUVÊA, 1980, p. 40). Entretanto, os autores salientam também que, em razão dos subsídios brasileiros serem voltados para este tipo de sujeito – trabalhadores rurais –, ignorou-se esta inabilidade e houve interesse nas visitas e primeiras negociações para a recepção de judeus que formariam as primeiras colônias judaicas agrícolas em solo nacional: as do Rio Grande do Sul (GOUVÊA, 1980, LESSER, 1995a; LESSER, 2015b).

Segundo Lesser (1995a), anterior a esta iniciativa, a população de judeus vivendo no Brasil somava cerca de 300 pessoas que migraram isoladas ou, no máximo, 3000, se fosse também considerado o número de *sefarditas*⁷ que migraram para a Amazônia para trabalhar no ciclo da borracha daquela localidade. Portanto, é correto afirmar que foi a partir da criação das colônias agrícolas gaúchas que a migração orientada e em fluxo expressivo de judeus começa a acontecer no país, pois elas

constituíram o primeiro passo na direção de uma migração regular e organizada de judeus para o Brasil [...] esses judeus fugiram da perseguição cotidiana [na Rússia] e aceitavam a agricultura, na qual tinham pouca ou nenhuma experiência, apenas como uma condição para a sua fuga [...] A imigração para o Brasil era o início de uma nova vida que jamais poderia incluir uma volta para casa (LESSER, 1995a, p. 41).

Para Póvoa (2010a), a pobreza da população judaica na Rússia ou Polônia era tão grande que qualquer possibilidade de mudar de vida parecia atrativa. Mesmo não tendo domínio das atividades agrícolas, sair de um cenário de miséria em busca de mais qualidade de vida para si e seus familiares já parecia uma proposta atrativa.

Grin e Gherman (2017) atestam que esta experiência não é representativa, quando analisada a história judaico-brasileira, justamente porque as condições para a migração e a realidade encontrada para a inserção desses sujeitos diferem substancialmente da realidade urbana que as comunidades estavam habituadas. Nesse mesmo sentido, Decol (2001, p. 155) diz que “[...] os judeus que chegaram no Brasil tiveram uma trajetória única. Como tinham pouca ou nenhuma experiência rural, rapidamente dirigiram-se para as cidades [...]” e juntaram-se a outros grupos minoritários com características de trabalho semelhante, tais como sírios e libaneses, para que conseguissem assegurar a sua permanência no país (GOUVEA, 1980; LESSER, 1995a; DECOL, 2001; PÓVOA, 2009b).

Sendo assim, houve uma expansão dos colonos judeus para diversos centros urbanos, como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, e tão breve passaram a se relacionar com outros sujeitos que compartilhavam interesses comuns, trataram de desempenhar outras atividades econômicas, contribuindo “[...] sensivelmente para a diversificação e a expansão das atividades econômicas [no Brasil]” (PÓVOA, 2009b, p. 202). Para Gouvêa (1980), Lesser (1995a), Póvoa (2010a), com a chegada deste novo perfil de sujeito, altera-se a realidade local com a diversificação do comércio (de

⁶ Comitê Central Alemão para Judeus Russos.

⁷ Aqueles originários do norte africano, Oriente Médio e Espanha. Basicamente os judeus estão divididos em dois grupos de origem e os que não advêm destas regiões mencionadas são considerados judeus *ashkenazim*, ou seja, aqueles que têm raízes nos países do Leste Europeu.

roupas, decoração, alimentos etc.), práticas cotidianas de profissões liberais (médicos, engenheiros, artistas, dentre outros), mas também se incrementa a cultura urbana a partir das diferentes manifestações que traziam consigo, já que eram oriundos de diferentes países de origem na Europa.

4. A PRESENÇA DE JUDEUS EM CURITIBA: FORMAÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL

O Paraná e Curitiba contam a sua história levando em consideração a perspectiva agrícola e influência dos grupos de imigrantes neste processo. Estes sujeitos de diferentes origens vinham apoiados em políticas de atração/recepção que tinham o intuito de colonizar as terras do estado, mas também provocar o branqueamento populacional, vista a recém-abolição da escravatura no país (PENA, 1988; BALHANA, 1996; WACHOVICZ, 2001).

Conforme exposto, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro são os primeiros estados a contar com a presença de judeus em seu novo cotidiano, pois eram cidades com mais atividades tidas como urbanas e com isto despertavam mais interesse do grupo, pois havia uma maior identificação com a realidade oferecida. Curitiba, neste momento, ainda não era uma opção para estas levadas migratórias, pois recém havia sido politicamente criada (1854) e conservava características agrícolas bastante expressivas – o que era um fator de atração para os outros grupos já mencionados.

Os primeiros migrantes judeus chegam à cidade em 1889 e não estavam necessariamente respaldados por políticas de Estado; eles vieram agrupados com uma comunidade austríaca e, tão breve instalaram-se na recém criada capital paranaense, buscaram se ocupar com atividades interpretadas como urbanas, tais como intermediação/comércio de produtos, por exemplo (GOUVÊA, 1980; PACIORNIK, 1995; EHRLICH, 2017). Por se tratar de duas famílias que vieram mimetizadas em outro grupo, estes sujeitos não pertenciam à uma comunidade formada já no país de origem, tampouco tinham contingente suficiente para se atestar a existência de uma própria em solo brasileiro. É somente no final da década de 1890 que, incentivados por estes pioneiros, chegam outros judeus de vários países do Leste Europeu e tem-se início a formação da comunidade judaica-curitibana.

4.1 As intervenções iniciadas pelas famílias pioneiras: a reterritorialização judaica em Curitiba

A história conta que, tão breve chegaram à cidade, os primeiros judeus rapidamente se integraram à sociedade local e mantiveram frequente contato comercial e social, de modo que aos poucos foram se reterritorializando e implementando elementos que levaram à produção de uma sociedade mais diversa/plural.

Este processo de ocupação do território muitas vezes foi favorecido por acordos político-administrativo, pois era de interesse dos judeus buscar junto aos gestores respostas às suas demandas econômicas e sociais particulares e para isso sempre se mantiveram próximos aos representantes do poder local. Paciornik (1995) apresenta um exemplo ao relatar o acordo feito entre Max Rosenmann⁸ e o então presidente do Paraná, Afonso Camargo (1916-1920), que envolvia importação de sementes da Alemanha (favorecendo o migrante que era proprietário de um moinho a vapor) em troca da distribuição da produção para outras cidades e países (que favoreceria a economia da cidade e estado).

Gouvêa (1980) também descreve como se deu o processo de criação do cemitério. Pessoalmente, o pioneiro Salomão Guelman, um importante empresário da época, fez contato com o Arcebispo de Curitiba para que houvesse intervenção junto à prefeitura para a liberação da construção de um cemitério próprio para atender o rito judaico. Outros exemplos foram citados nas entrevistas realizadas e nelas os personagens declararam que, ao longo da história judaica na cidade, já houve favorecimento político para a compra de terras que serviram para especulação imobiliária, assim como já houve interferência do estado para acelerar liberação de obras, por exemplo. Além disso,

⁸ Pioneiro de uma das famílias chegadas junto da comunidade austríaca. A segunda família do contingente mencionado refere-se à de José Flaks.

também já houve doação de prédios particulares para atender as demandas da gestão local, assim como expressivos investimentos do grupo em projetos urbanísticos de embelezamento e/ou de beneficência quando solicitado apoio pela prefeitura municipal.

Com base nestas informações, é correto afirmar que o estreitamento de relações entre os membros do grupo e o poder local histórico se dá permeado de vantagens e desvantagens e faz com que Curitiba se apresente com um histórico de ocupação e evolução desigual. Diz-se isto, porque estas relações não são percebidas a fundo quando olhado para a realidade de outros grupos migrantes – sejam eles naquele momento histórico ou atualmente.

Apesar disso, as construções/installações realizadas pelos judeus, por meio também destes acordos políticos, mudaram o cotidiano local, e os marcos que sinalizam a sua presença no espaço urbano podem ser percebidos ao observar as sinagogas, escola, clubes socioculturais e desportivos, apenas para exemplificar. Isso foi uma maneira de os novos habitantes locais mostrarem sua presença e demarcarem seu território com novos costumes, anseios e demandas.

Entende-se que a construção de um território e a vivência plena dele são coisas desejadas por aquele que migra, pois isso representa, de certa forma, o acolhimento e a segurança em terra estrangeira. Entretanto, não é possível ignorar que estas construções territoriais estão intimamente ligadas à ideia de poder e, assim sendo, estarão cercadas de heterogeneidades.

Haesbaert (2004) e Cardozo (2012) apontam que a ideia de construção deste novo território está constantemente presente na vida do migrante e representa a necessidade e também a dificuldade de se integrar à nova realidade que passa a fazer parte da vida e cotidiano destes indivíduos. Para os autores, bem como para Sorj (2004) e Silva, Santos e Viana (2016), no processo de reconstrução do território as instituições exercem papel fundamental, pois elas acolhem, somam forças e representam os sujeitos na sociedade receptora, além de oficializarem as fronteiras e a identificação de quem faz parte do “nós”. Dessa forma, a materialização do território pela via institucionalizada serve de segurança para o migrante e de identificação com e na comunidade.

Sabendo disso e para traçar uma linha histórico-geográfica do caso curitibano, em 1913 funda-se oficialmente a primeira instituição judaica da cidade, a União Israelita do Paraná (GOUVÊA, 1980), e ela serviria para congregar atividades religiosas, culturais e econômicas que já vinham acontecendo isoladamente nos lares judeus locais. Já em 1920, esta instituição dá espaço para o Centro Israelita Paranaense, o CIP, que congregou outras pequenas instituições ou iniciativas de educação e beneficência surgidas ao longo dos 7 anos.

A partir da existência do CIP e tendo à sua frente sujeitos que se relacionavam diretamente com o poder local, também foram criados o primeiro cemitério (1926), uma escola formal (1927) e a primeira sinagoga (1981), que juntas marcaram a solidificação da comunidade no Paraná (GOUVÊA, 1980). Para Feldman (2018), no século XX, estas instituições reuniam o grupo, mas também serviam para marcar o território, afirmando sua presença diante do cenário urbano que estava sendo construído na capital do estado.

O aumento do número de judeus no país e em Curitiba foi em razão do sucesso obtido pelos pioneiros, haja vista que a partir de então eles passam a descrever o país como um local de oportunidades (GOUVÊA, 1980; LESSER, 1995a).

À medida que os judeus prosperavam em pequenas e grandes cidades espalhadas pelos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, eles enviavam uma nova mensagem para a Europa. O Brasil não era mais a *land fun di mahlpes* (terra dos macacos), mas uma terra de prosperidade e poucos conflitos religiosos (LESSER, 1995a, p. 61, grifo do autor).

Portanto, era inevitável que a presença destas comunidades fosse percebida nos mais diversos campos (econômico, social, cultural, político, educacional etc.), sendo assim, o aumento demográfico era também significado do aumento das transformações que estes sujeitos produziram em Curitiba e em outras cidades paranaenses para onde se deslocavam mais tarde.

Vindos de diversos países do mundo, sobretudo da Europa Oriental e com destaque dentro dela para países como Polônia, Ucrânia, Alemanha, Rússia, Hungria, Áustria e Bessarábia, e inseridos na sociedade curitibana, os judeus ganhavam notoriedade e colaboravam também para as transformações urbanísticas e socioculturais da capital do Paraná. Feldman (2018, p. 57) afirma que essa presença foi fortalecida não apenas pelas instituições, mas também pela atenção que as famílias dedicavam aos negócios e à educação de seus filhos e filhas. A concepção desses migrantes era de que “sem educação, não haveria continuidade [...] A educação seria um mecanismo de sobrevivência da minoria diante das pressões do entorno não judaico.”

Com isso, a presença da escola colaborou para que os costumes/tradições fossem mantidos também no ambiente extrafamiliar. Além disso, ao abrir os portões da instituição para toda a sociedade, o grupo ganhou forças para ser mais integrado e participativo da vida política, social e econômica de Curitiba (GOUVÊA, 1980; FELDMAN, 2018), o que resultou, anos mais tarde, na ascensão social dos judeus e no seu ingresso à elite social e à vida política local.

Conforme aponta Feldman (2018), a escola sempre se mostrou uma importante instituição agregadora dos judeus chegados no Brasil e, especialmente em Curitiba, pois eles acreditavam na educação dos filhos e nela a possível construção de uma história de trabalho e vida diversa das experiências que traziam consigo. O domínio do idioma local e a formação educacional eram vistos como oportunidades de integração e ascensão social, uma vez que o estigma que carregavam poderia ser superado.

A existência das instituições judaicas cada vez mais sólidas gerou, ao longo dos anos, maior credibilidade às comunidades do Brasil como um todo e o alto investimento na educação dos filhos – revertida na prática de profissões de elevada estima social, como medicina e demais da área da saúde, direito e arquitetura, bem como as mais diversas relacionadas às engenharias – fez com que os judeus em Curitiba rapidamente adquirissem respeito da sociedade local.

Depois de haver um espalhamento das instituições por diversos bairros da cidade desde 1913, com a organização coletiva e alto investimento em segurança, desejado e requerido pelos sujeitos que são parte do grupo, a partir do ano de 2012 o território judaico curitibano está demarcado em um único recorte espacial que é denominado de *Kehilá*⁹. Ela se forma a partir da congregação de todas as instituições no mesmo local (administrativas; religiosa; de ensino; beneficência; cultura; lazer etc) e o equipamento serve de referência e como ponto de encontro da maioria dos judeus moradores da cidade¹⁰. Além disso, é por meio da presença da *Kehilá* e interações sociais intermediadas por ela que importantes famílias judias – geralmente as mantenedoras do equipamento - apresentam-se aos espaços decisórios do município e atuam/influenciam nas dinâmicas locais.

Isto posto, percebe-se que com a vinda dos pioneiros judeus os fluxos migratórios judaicos se intensificaram, a vida dessas pessoas foi transformada e a realidade curitibana também passa a ter influências da presença deste povo na sua sociedade. Assim, é possível traçar um paralelo entre a urbanização de Curitiba e a vinda dos judeus para esta realidade, uma vez que a história da cidade se confunde com a própria chegada desses sujeitos, pois a migração uniu e reconstruiu laços entre os membros do grupo, mas isto não torna a chegada dele livre de contradições quando observada a distribuição e apropriação do espaço urbano local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando tudo o que foi exposto, é correto entender que a comunidade judaica se reterritorializou em Curitiba de uma maneira muito particular, demonstrando sua existência por meio

⁹ Nome em iídiche que denomina comunidade e, para o caso em questão, refere-se a todas as entidades judaicas concentradas e em funcionamento em um mesmo local delimitado por muros.

¹⁰ Além da *Kehilá* também existem outros dois equipamentos de representação judaica na cidade. Um refere-se à sinagoga *Beit Chabat* (frequentada por judeus *askenazim* ortodoxos) e outro à recém criada sinagoga *Beit Yossef* (frequentada por judeus *sefarditas* religiosos).

de um aglomerado de instituições que hoje representam seu poder na capital do estado. Este poder é demonstrado tanto de forma material quanto simbólica e perpassa os aspectos econômicos e políticos, e avança também na face sociocultural.

A exposição feita neste trabalho não ignora a presença daqueles que já habitavam a cidade de Curitiba anterior às levadas migratórias que marcaram sua constituição, mas debruçou-se a explicar como o fortalecimento da urbanidade local aconteceu a partir da chegada mais contínua do migrante, sobretudo aqueles vindos de realidades mais urbanizadas já na Europa. Para o caso judaico, em específico, mostrou-se que seu estabelecimento na cidade obedeceu a regras próprias, pois o grupo não chegou de forma organizada, tampouco esteve incentivado por políticas que buscavam a exploração da terra e branqueamento populacional.

Os recém chegados vieram mimetizados em outros grupos e a partir do histórico que carregavam dos países já habitados, rapidamente integraram-se às atividades caracteristicamente urbanas na recém criada cidade: exploraram o comércio nas suas mais variadas possibilidades. A partir desta integração com “os outros” e o relativo sucesso nos negócios empreendidos na cidade, os judeus ascenderam social e economicamente e isto abriu portas para que eles também passassem a integrar outro espaço representativo não apenas importante, mas também essencial para a definição dos rumos de qualquer cidade: eles ascenderam à política.

Isto aconteceu de forma mais direta quando houve a eleição de judeus para a representação do governo municipal e estadual, mas também foi percebida indiretamente quando os sujeitos da recém-criada comunidade buscavam manter-se próximos das autoridades locais de modo que pudessem ter suas demandas comunitárias requeridas e, eventualmente, atendidas por este Poder. Ainda nos dias de hoje, ter uma comunidade estruturada e fortalecida internamente favorece na negociação de interesses entre judeus e estas autoridades, de modo que é correto atestar que a presença judaica, favorecida pela tradição urbana e de negócios que estes sujeitos trouxeram consigo dos países de onde se originaram, alterou a dinâmica curitibana e isto dá conta de apresentar novas perspectivas para a compreensão do desenvolvimento urbano e da realidade local.

Ao se ter em mente que os migrantes trazem consigo mais do que suas bagagens emocionais, mas também acrescentam nelas seu poder intelectual, é de se inferir que a chegada de sujeitos de outras localidades tem potencial de gerar mudanças onde se estabelecem. Para o caso em questão, entende-se que, ao se reterritorializarem, os judeus provocaram novos movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais na capital do estado, de modo que podem ser lançadas outras reflexões acerca da sua presença no contexto curitibano.

NOTAS

1. Conforme exposto, este estudo é parte de outro maior desenvolvido acerca da presença judaica em Curitiba/PR e quando se refere ao grupo nestes termos, é preciso esclarecer que na atualidade (2021) ele é formado por cerca de 4000 sujeitos que estão divididos entre as origens *ashkenazi* e *sefarditas*. A pesquisa foi realizada exclusivamente com o grupo *ashkenazi*, uma vez que levou em consideração territórios oficializados/reconhecidos como símbolos representativos dos judeus curitibanos.

2. A sinagoga *sefardita* existente (*Beit Yossef*), e que ao seu turno também congrega e reúne judeus destas origens, foi oficializada posterior à conclusão dos campos/entrevistas. Em virtude da ausência de outros registros documentais sobre sua presença, e também pelo fato de sua oficialização ter ocorrido tardiamente para composição da pesquisa, os sujeitos do grupo não participaram da coleta de dados. Todavia, não se desconsidera que estes judeus também pertencem à composição social local e, mais que isto, já se aponta um caminho para outras possibilidades de investigação - que permitirão novas compreensões sobre o grupo e sua relação com a e na cidade.

3. Dentro da comunidade de judeus curitibanos oriundos dos países do Leste Europeu, existe uma subdivisão religiosa que diz respeito à interpretação do judaísmo e vivência da cultura judaica: os ortodoxos (da sinagoga *Beit Chabat*) e os conservadores (da *Kehilá* e sinagoga *Beit Yaacov*). Este

trabalho foi desenvolvido apenas com os judeus conservadores, pois o representante do outro grupo não desejou fazer parte e também solicitou que seus membros não fossem acessados. Em respeito ao pedido feito, os dados coletados e que demonstram as dinâmicas da presença judaica em Curitiba retratam o posicionamento, história e ocupação do território numa perspectiva *ashkenazi* conservadora.

4. Do total de quase 4000 sujeitos judeus estabelecidos na capital paranaense, estima-se que os resultados aqui apresentados se referem à trajetória e realidade de cerca de 3100 pessoas; diz-se isto porque, de acordo com dados informados pelos respectivos representantes institucionais, a comunidade *sefardita* é composta por uma média de 400 pessoas e fazem parte da comunidade ortodoxa outras 500. Deste modo, é correto inferir que o grupo abordado para a construção do estudo representa a maioria demográfica local.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos (DS) concedida durante o primeiro ano do curso de doutorado.

REFERÊNCIAS

BALHANA, A. P. Política imigratória do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 87, jan/abr, 1996. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4813314>. Acesso em: 05 out. 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 1977.

BIERNACKI, P. WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**. Vol. 10, Inssue 2, 1981. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004912418101000205>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BRUMES, K. R. **Redes em espaços migratórios**: Uberlândia – MG. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Presidente Prudente, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105093>. Acesso em: 10 out. 2021.

CARDOZO, P. F. **O Líbano ausente e o Líbano presente**: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/28059>. Acesso em: 10 out. 2021.

DECOL, R. D. **Imigrações urbanas para o brasil**: o caso dos judeus. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2001. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/186726>. Acesso em: 15 out. 2021.

DEMARTINI, Z. de B. F. Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração. *In*: EMARTINI, Z. de B. F. TRUZZI, O. (orgs). **Estudos migratórios**: perspectivas metodológicas. São Carlos: EdUFSCAR, 2005.

EHRlich, M. **Filhos da Shoah: memórias e significações na comunidade judaica paranaense do pós-guerra**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67595>. Acesso em: 15 out. 2021.

FAUSTO, B. (org). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. Edusp: São Paulo, 2000.

FELDMAN, S. A. **Imigração, educação e identidade: a educação na comunidade judaica de Curitiba – sec. XX**. Revista del CESLA - International Latin American Studies Review, n. 22, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2433/243360086003/html/>. Acesso em: 16 out. 2021.

GOUVÊA, R. R. **Comunidade judaica em Curitiba (1889-1970)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 1980. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/23857>. Acesso em: 01 out. 2021.

GRIN, M. GHERMAN, M. Breve balanço sobre os estudos judaicos no Brasil. **Cuadernos Judaicos**. n, 34, diciembre, 2017. Disponível em: <https://cuadernosjudaicos.uchile.cl/index.php/CJ/article/view/48003>. Acesso em: 10 out. 2021.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KING, R. **Theories and typologies of migration: An Overview and a Primer**. Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM) - Malmö University, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260096281_Theories_and_Typologies_of_Migration_An_Overview_and_A_Primer. Acesso em: 05 out. 2021.

LESSER, J. **O Brasil e a questão judaica: integração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995a.

LESSER, J. **A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015b.

MACEDO, R. G. de. **Curitiba: Luz dos Pinhais**. Curitiba: Solar do Rosário, 2016.

MASSEY, D. *et al.* Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**. v. 19, n. 3. September/1993. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2938462>. Acesso em: 10 out. 2021.

MORE. **Mecanismo online para referências, versão 2.0**. Florianópolis: UFSC: Rexlab, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 20/11/2021.

PACIORNIK, M. **Brincando de contar história: os Grine**. Curitiba: Copygraf, 1995.

PENA, E. S. Escravos, libertos e imigrantes: fragmentos da transição em Curitiba na segunda metade do século XIX. **Revista da Associação Paranaense de História**. Ano 9, número 16, 1988. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/issue/viewFile/2044/245>. Acesso em: 15 out. 2021.

PÓVOA, C. A. Imigração judaica para o estado de Minas Gerais e os judeus na cidade de Uberlândia – MG. In: LEWIN, H. **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009b. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/ztp5/17>. Acesso em: 15 out. 2021.

PÓVOA, C. A. **Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo**. São Paulo: Humanitas, 2010a.

SILVA, G. S. da; SANTOS, A. S. dos; VIANA, E. M. Entre “partir” e “ficar”: a migração além do processo de deslocamento físico. VII ALAP e XX ABEP – Congreso de la Asociación Latino-Americana de Población/Encuentro Nacional de Estudios Populacionais. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: http://abep.org.br/xxencontro/files/_paper/392-453.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

SORJ, B. Diáspora, judaísmo e teoria social. *In*: GRIN, M.; VIEIRA, N. H. (org.). **Experiência cultural judaica no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WACHOVICZ, R. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.



Informações sobre a Licença

Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

License Information

This is an open access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which allows for unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, as long as the original work is properly cited.